

O RABUGENTO

PERIODICO LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

POR UM ANNO. . . . 10\$000 — POR SEIS MEZES . . . 5\$500 — POR TRES MEZES. . . 3\$000

O RABUGENTO

TIPOS.

O VENDEDOR DE ESCRAVOS.

IV.

Já observámos que o espirito do seculo tem modificado muito a maneira de encarar o escravo pelo geral da nossa sociedade.

O que é o escravo perante a lei, em relação ao senhor?

E' uma propriedade que este póde alienar quando lhe convém, satisfazendo apenas certas condições.

A troca de alguns centos de mil réis o escravo é vendido, separado violentamente dos seus e, sem piedade por suas lagrimas, arrastado a centenas de leguas de distancia.

Que importa ao senhor que o escravo tenha pai e mãe, que tenha filhos ou mulher?

O que são os sentimentos de humanidade a par das conveniências particulares? O que é o coração comparado com o ouro?

Por ventura deve o escravo ter coração? Deve sentir amor ou amizade? Deve conhecer sentimentos, que os proprios irracionais por instincto experimentam? Não.

Para o escravo, a guia d'alma deve ser a vontade do senhor; o seu unico sentimento a obediencia; os seus prazeres o trabalho; a sua esperanza a morte!

Graças á influencia de um coração bem formado acaba de se dar um grande passo para o melhoramento da sorte do escravo, E' a prohibição da venda immoral da escravatura em leilão.

Que idéa fará de nós e de nossos costumes, o estrangeiro que vê apregoar em asta publica, creaturas humanas, a quem a sociedade, usando do poder civilizador da força bruta, roubou o bem mais precioso que o homem recebeu da natureza — a liberdade?

Resumindo, diremos: O atrazo do Brazil em relação ao progresso do seculo, e aos recursos grandiosos que possui, é devido á lepra da escravatura.

Por dignidade e interesse do paiz, deve ser abolida. Dando a liberdade a tantos milhares de escravos e convertendo-os, por meio de medidas adequadas em individuos morigerados, firmará em bases seguras o futuro; futuro imenso e a que de outro modo o Brasil nunca poderá attigir.

A. P—a.

FOLHAS SOLTAS.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR.

I.

O QUE É O AMOR?...

Amor! Palavra sagrada que todos veneram sem saber porque! Abyssmo insondavel em que todos se precipitam sem calcular a immensidade do perigo!... Charada indecifrável; phrase, enfim, que ninguem define! O que és?..

Ora muito bem; arranjei-a bonita. Enthusiasmei-me a tal ponto que todos naturalmente estão se persuadindo que eu sei definir o amor. Eu que nunca amei e que quando encaro uma moça, fico com as pernas bambas como se tivesse recebido um choque electrico.

Meti-me em camizas de onze varas, não ha duvida nenhuma; mas não se assustem isto para mim é uma bagatella.

Varias notabilidades litterarias (seja dito com a devida venia) tem definido o amor como o entendem; logo eu, com quanto não seja notabilidade, posso tambem descrever-o como entender. Isto é logico.

Alguns têm dito que o amor é como agua quente em quanto não esfria! Boa duvida. Isso sabia eu antes de nascer!

Daquella definição conclue-se pois, que o bicho é quente; mas resta saber quando, se no inverno, ou no verão. Quem assim o define que responda.

Outros, dizem que é um desejo que se desvaneca quando não é logo satisfeito. Esta quasi que é igual á primeira.

Pois eu declaro que se quem quer saber o que é amor, perguntem, o que é a agua para os peixes, o cego a vista; ao naufrago a taboa de salvção, etc.; estou bem certo que todos responderão: é a vida!...

E' como eu entendo. O amor é a vida, e quem não ama não vive, — vegeta! Não é assim amáveis leitoras?

O amor é tudo. E' a vida e a morte; é a desgraça e a felicidade; é a alegria do coração e a tristeza da alma; é a lyra do poeta; é o romper da aurora ao som dos trinado dos pasaros; é o murmurar da cascata em noite de luar; é o symbolo da poesia.

Quem diz amor diz poesia.

A poesia sem amor é como um jardim sem flores.

O amor, porém, tem sempre poesia: — a mulher a quem se ama.

O homem e a mulher que não amam, são como pedra bruta entre brilhantes!

Hoje, porém, o amor tem mais um significado que é — dinheiro; ama-se mais por interesse do que por inclinação. Vivendo nós em um século totalmente sonante e metálico, isto não deve causar admiração.

Quando um homem declara amar uma moça, ella antes de corresponder-lhe, tracta de saber se elle é rico. Se tem a felicidade de sel-o, leitoras, é mais que amavel, é adoravel; constitue-se logo uma capacidade, ainda mesmo que esteja nas circumstancias do barão do Cutia, saliente personagem dos *Typos da Actualidade* do Sr. França Junior.

O que acabo de dizer, amaveis leitoras, não tem um sentido generico; por isso exceptuo deste caso, aquellas moças que não procederem assim.

Por hoje basta; este já vai longo e o *Rabugento* não é de borracha.

No segundo artigo que escrever, e que versará sobre as consequencias do amor darei a razão do que fica dito.

OL—.

POESIAS.

A DESCRENÇA

A' J. R. F. A.

Je meurs, et sur la tombe où lentement j'arrive,
Nul ne viendra verser des pleurs.

GILBERT.

I.

Uma por uma — esperdicei sorrindo,
Nos delirios de amor, mimosas flores...
E, fui da vida — nos festins de um doudo
E'brio conviva a suspirar de amores...
Si, hontem, me ouviram da ventura os hymnos,
Hoje descóra a minha face o pranto!...
Como andorinha que, voando geme,
E vai, nos ares, ultimar seu canto...
Assim... os cantos que vibrou minh'alma,
Da mocidade em flôr...
Se os comecei na terra, heide acabal-os
Aos pés do Creador!..
Cêdo a romagem para mim findou-se
No desterro da vida...
Ha do passado — muita crença morta,
Muita illusão perdida.—
O presente o que vale? triste lenda
De um tempo que passou;
Rosa que, de manhã, desabrochava,
E que á tarde murchou...
Não creio no porvir porque não vivo
De sonhos, como outr'ora,
E' no sepulchro que me espera um dia,
Meu pensamento agora!..
Lá dormirei da eternidade o somno,
Tendo por leito o meu sudario e pó...
E tú, ó virgem, tremerás de medo
Por ver-me pallido, a dormir tão só!..

O feio eraneo, desnudado e frio,
Tú, sem receio, o beijarás chorando?!...
Si antes da noite — descançei tranquillo,
Não penses, virgem, que inda estou sonhando!..
Sobre a poeira em que pousar meu corpo,
Goivos e rosas plantarás — saudosa?...
Alma de um anjo!.. deixa o mundo inglorio,
Une-te á minha, e a eternidade goza!..

II.

Tú choras — e também sentes,
Como eu sinto a mesma dôr?
Guarda esse pranto, menina,
Que esse pranto tem valor...
Quero lagrimas, um dia,
Talvez bem cêdo, — amanhã...
Nos prazeres e nas dôres,
Fôste sempre minha irmã!..
No banquete da existencia
Tú rias — quando eu folgava;
Si eu era triste — eras triste;
Tú choravas — si eu chorava...
Dous lyrios que nascem juntos,
Que a mesma seiva dá vida,
Assim fui eu, — foste, virgem,
Nessa quadra tão florida!..

Quando recardo esse tempo,
Eu digo que fui bem louco,
Porque corri, sem descanço,
Se tinha de andar tão pouco?!..
A gloria — foi a cantiga
De meus dias de esperanças...
Em porcellosa tormenta
Mudou-se logo a bonança...
O desalento matou-me
As rosas da primavera,
Si a mocidade era assim,
Morrer no berço eu quizera...
Em busca de verdes louros
Atravessei os caminhos,
Quando voltei da jornada
Tinha na fronte os espinhos...
Riam-se as turbas de mim
Quando por ellas passava;
Ninguém me enxugou o pranto
Que a minha face banhava!..
Dormindo em leito de flôres
Foi muito curto o meu somno;
O que me resta no mundo,
Se hoje vivo no abandono?!..

III.

A morte — aponta o dia da ventura
Ao que na terra, só viveu chorando
Agonias e dôres...
Não tarda a hora do descanço!.. exulta,
Canta os teus hymnos, coração descrente...

Morrer dos annos no verdor, qu'importa?..
Tem o cadaver muita prece e cirios,
E lagrimas sentidas...
Depois tudo se esquece... o pranto é riso,
Trevas os cirios, e, folgado — as preces...

IV.

Renego as pompas da vaidade estulta;
E' sobre o chão que descancar desejo,
A' sombra do cyreste...
Sómento quero que tú saibas, virgem,
Onde deixei-te p'ra dormir sósinho...

E. O. MAIA.

A' UNS OLHOS PRETOS.

Eu gosto dos olhos pretos
Que estão sempre a scintillar;
Uns olhos pretos que eu vi,
Me souberam enfeitar.
Que importa que os olhos verdes,
Saibam d'e-p'rança fallar?
Se também já me souberam
Mais de uma vez enganar!
Os olhos pardos não amo
Porque sabem variar,
Se um dia dizem — amor —
No outro podem faltar.
Tambem não amo os azues,
Porque não sabem fallar;
Tenham embora a côr de céu,
Tambem tem a côr do mar;
Que são formosos e bellos,
Ninguem o pôde negar,
Mas o seu brilho não tem
O condão de facinar.
Uns olhos pretos que eu vi,
Que me fizeram seismar,
Tem sido sempre constantes,
Nada os faz variar.
Tem brilhos como as estrellas,
Como ellas sabem brilhar;
Deixam perdido d'amores
A quem de perto os fitar.
São olhos pretos, mas bellos,
Onde eu me posso mirar;
Olhos que dizem — amor —
Olhos que ensinam amar.
São tão lindos, tão brilhantes,
Que me souberam encantar;
São olhos bellos, tão bellos
Como eu não sei pintar.
Eu amo os olhos pretos
Que estão sempre a scintillar;
Que os olhos pretos são bellos,
Ninguem pôde contestar.

E.

RATICES DA SEMANA

Rio, 11 de Outubro de 1862.

Tenho o prazer de communicar aos meus leitores que o compadre e amigo Tinoco acha-se de saude, pelo que se vê da seguinte carta com que me honrou:

« Valença, 10 de Outubro de 1862.

« Compadre. — Perguntar-lhe em primeiro lugar pelo meu papagaio, pelo nosso *Rabugento*, e depois pela sua inalteravel saude, são as tres cousas que me forcão a pegar na penna, e dirigir-lhe estas duas regtas, que ao fazer desta Deus louvado, o vão achar ao menos de enchequeca, para em tudo lhe dar gosto.

« Sinto em extremo a bicaçada que lhe deu o papagaio, mas tenha paciencia, peiores bicaçadas dá Vm. no Rocha, e isto cala-se pela lembrança das saudades dos paquetes para a Europa, visto Vm. ser o unico dos seus amigos que sabe inglez; será bom que não continue a brincar, para não levar mais bicaçadas, pois, sendo eu não por condição, não admira que meu bichinho também o seja.

« Gostei das suas *ratices*; com um auxiliar tão bom de certo não contava o *Rabugento*; se não fossem os meus muitos affazeres, de certo que os leitores não teriam de ler uma chronica escripta com tanta graça e espirito *fino*.

« Como Vm. tenha de escrever mais algumas, preciso dizer-lhe que não frison certas *ratices* como devia, para outra vez não poupe, olhe, ha certa gente neste mundo de Christo, que só merece pão e pão.

« — Recebi os grandes jornaes dessa côrte que me mandou; as noticias da Europa me desgostaram um pouco.

« Garibaldi, esse grande patriota, cahio prisioneiro nas mãos do governo de Turim, nas mãos daquelles a quem elle fez com que fossem considerados *cultos*, dando-lhes honras e empregos.

« Mas que quer, compadre, tudo é assim, todos os dias acontece isso; meninos ha, que ainda ha pouco era para elles uma honraria o consentirem que elles estivessem juntos a um balcão, hoje, que tudo é novidade, pois meu compadre sabe que já ha filhos que pedem ao pai — Faz-me favor do seu fogo — digo novidade, ao menos na classe dos escriptores, que a todo o momento apparecem, qual outro mal dos cafesaes, a fallarem sobre tudo, com especialidade de theatro.

« Tenho lido chronicas, meu compadre, em que se diz: — o Cardoso não presta, não tem consciencia do que representa; o Pimentel é o João Catão de ha 15 annos, o Galvão é o La-Puerta; a D. Fulana é a Ristori, quando todos nós temos certeza de que ella não passa de uma pata-choca; depois de conscienciosamente fazerem destes elogios, escreve-se-lhe ainda uma poesia, e fazem na imprimir com a *saude* unica de ser anonyma e não podarem de viva-voz fazer-lhe uma declaração.

« — Os jornaes grandes também ás vezes são inconvenientes. Os *collegas* devem desculpar a franqueza, mas para não massar vou mencionar uma occurrencia desta semana.

« O *Jornal* na sua *gazetilha* do dia 8, querendo talvez agora fazer côro com o delantado *Entre-acto*, sem dô nem compaixão, fallou da Opera Nacional; entendeu que devia achar na Sra. D. Siebs quantos defeitos sua imaginação lhe dictou; e além disso dando-lhe conselhos que são um pouco rispados para uma senhora.

« Não acontecia o mesmo com a empreza — Alimonti — mas eu bem sei pelo que era; cala-te bocca, não sejas má.

« Mudam-se os ventos, mudam-se os tempos. Ha 5 annos o *ex-official* era o melhor campeão da Opera Nacional.

« — Applaudi a lembrança que tiveram os italianos de se absterem de tomar parte com os portuguezes nos festejos que pretendiam fazer, por occasião do consorcio de D. Luiz de Portugal com D. Maria de Sabaia depois das ultimas noticias da Europa.

« Seria bom que os portuguezes fizessem outro tanto, visto que a lembrança pertence a uns e outros; mas talvez que assim

não aconteça, ha tanta gentinha que gosta de figurar em negocios patrióticos, mesmo em tempo de paz!

« Declaro-lhe, meu compadre, que a comissão portugueza tem dous membros dignos de seus nomes figurarem em todas as comissões presentes e futuras, mas tem um que só á falta de homens poderia ser o escolhido.

« Emfim olho vivo com esse novo Hermann; os leitores me entendem.

« — O compadre, tambem se esqueceu de mencionar nas ratificas que se tinha publicado o 2º numero do *Futuro* do Sr. Faustino.

« Não é por embirração nem por aspiração, mas não gostei nada da sua chronica, pois achei mal cabido que pela sempre chorada morte do peixe-vacca se quizesse parodiar alguns dos bellos versos do poema *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro; mas são cousas, não podemos ter gostos iguaes, se os tivéssemos aonde iriam parar as lojas da rua do Ouvidor.

« Os leitores conhecem o poema *D. Jayme*, pois até os cegos o viram, mas o que não saberão de certo, é que Thomaz Ribeiro escrevendo o seu poema em Lisboa, *futuro*, ali a morte do peixe-vacca no Rio de Janeiro e teve logo em mente escrever versos que pudessem ser parodiados com chiste e primor poetico.

« E digam lá que o *D. Jayme* não é superior aos *Luziadas*!

« Agora aprecie o leitor a parodia:

No poema — *D. Jayme* —, canto *Futuro*, a paginas 7: lê-se o seguinte:

Viver na terra engeitada,
Tendo por patria um deserto!...
Folha egrida na rajada
De vento abrasado! incerto!...
Não conhecer mãe nem pai!...
Ai!...

Ser o seu berço d'infancia,
D'allectos campá mortuaria!...
Ver morrer vigo e fragrancia
Como a rosa solitaria!...
Não conhecer mãe nem pai!...
Ai!...

Quanta vez a horas mortas,
Rez votada ao sacrificio,
Vai bater do alcoice ás portas
A filha do amor... do vicio!
Como á casa de seu pai!...
Ai!...

Branca roseira plantada
N'um tão exposto canteiro,
Onde te cresta a geada
D'um frio escuro janeiro
Sem calor de mãe nem pai!...
Ai!...

O rio é filho da serra!...
Do musgo é pai o granito!...
As plantas nascem da terra!...
As estrellas do infinito!...
Só tu, não tens mãe nem pai!...
Ai!...

« Adeus, não sou mais extenso porque vou assistir a um casamento, que é cousa que está agora na ordem do dia, embora não se olhem aos meios. Que desgraças nos ha de trazer o anno de 1863.

« Seu compadre,
« TINOCO. »

Não sei se a leitora foi domingo á tarde a S. Christovão.
Se não foi, pôde acreditar que perdeu uma bella festa!
Quanta menina bonita, quantos sorrisos, quantas flôres e quanto aperto de mão não se daria alli ás escondidas. Cada uma daquellas moças parecia um anjo, cada anjo um demonio e cada demonio era uma perdição!

Quer a leitora acreditar-me? Confesso que fiquei apaixonado! eu, que já havia feito a minha declaração de tentativa de suicidio á policia, mesmo porque ella calma e indolente não daria um passo... rasguei aquella pagina negra da minha carteira! (Mentira! era tão negra, que a tinta tinha-se tornado da cor do papel!)

Mas... annunciava-se a hora do fogo artificial, a musica tocava, a lua brilhava no firmamento em todo seu esplendor. Parecia-se com uma sultana mollemente recostada sobre o divan!

Como era lindo e maravilhoso aquelle paraíso de graças! Tive vontade de abraçar-me com todos aquelles anjos-demonios! Oh! fique certa a leitora que se lá estivesse... eu havia respeitá-la!

Agora vejo que involuntariamente commetti uma falta, e uma falta que a leitora talvez não me desculpe.

Fallei-lhe em tanta cousa, e não lhe disse que a festa era a do Soccorro; que tudo esteve muito brilhante; que, finalmente, o que dizia respeito á musica de igreja foi o melhor que se podia esperar; tudo era particular; tudo era o offerecimento de senhoras e cavalheiros, que, pondo de parte absurdas considerações, concorreram para o brilhantismo daquella solemnidade!

Desculpe a leitora, e creio que basta de festa!...

Foi autorisada a criação de um novo banco—*London & Brazilian Bank*.

Ainda não foi banida a idéa de criação de bancos?

Para garantir um futuro menos amargo aos artistas e ás suas familias, uma comissão trata de estabelecer as bases necessarias para a fundação de uma caixa pia, ou de soccorro mutuo dos artistas. Se tal cousa se realizar muito deverão os artistas do Rio de Janeiro ao Sr. Bithencourt, visto que essa idéa partio desse distincto cavalheiro.

Todos os artistas, a convite do Sr. F. J. Bithencourt, deverão offerter um trabalho que será exposto e depois vendido em leilão por uma senhora de distincção, revertendo o producto em beneficio da educação e alimentos dos filhos do distincto professor Honorato Manoel de Lima.

Teve lugar no Gymnasio a primeira representação da opera buffa—*A corte de Monaco*.

A musica é excellente, seu autor, o Sr. Domingos José Ferreira, é já bastante conhecido entre nós. E' para lastimar que o publico se conservasse tão frio nessa noite.

O Sr. Pitanga tirou de seu instrumento sons admiraveis, que muito nos agradaram.

A execução por parte da companhia da Opera Nacional, desculpando pequenos defeitos, foi boa. Os artistas estiveram na altura de suas forças.

O empresario da limpeza publica foi multado em uma grande quantia por infracções do contrato.

Veremos se assim aprende a cumprir com suas obrigações.

Teve lugar no Athenèo Dramatico a estréa do distincto actor Joaquim Augusto com a comedia—*O que é o casamento?*

O pouco espaço de que dispomos priva-nos de descrever as arrebatadoras scenas dessa sublime comedia. Para o leitor poder fazer uma idéa exacta de seu desempenho, basta saber que os principaes papeis foram executados pelas Sras. D. Gabriella e D. Jesuina Montani, e os Srs. Joaquim Augusto e De-Giovani.

O COMPADRE DO TINOCO.

Typ. do DIARIO DO RIO, rua do Rosario n. 84.